

## MENINOS E MENINAS: UM OLHAR SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NO EXTREMO OESTE CATARINENSE<sup>1</sup>

Camila STUELP<sup>2</sup>  
Angela BATISTI<sup>3</sup>  
Susane FREIBERGER<sup>4</sup>  
Thaís GASPERIN<sup>5</sup>  
Ricardo PAVAN<sup>6</sup>

Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, SC

### RESUMO

Este trabalho de pesquisa e documentário radiofônico registra a realidade da região Extremo Oeste de Santa Catarina em relação ao preconceito com a homossexualidade. Com base em depoimentos e dados coletados, o produto pretende servir como meio de reflexão social e incitar o debate sobre o tema. A polemização do tema ‘homossexualidade’ é uma constante nos meios de comunicação e independe de classes sociais ou regiões. Neste sentido, o documentário abrange pontos de vista e conta histórias de pessoas que convivem com a realidade do preconceito contra relações homoafetivas em uma região historicamente caracterizada pelo conservadorismo, advindo de fatores culturais e/ou religiosos.

**PALAVRAS-CHAVE:** homossexualidade; preconceito; religião; minorias.

### 1 INTRODUÇÃO

Abordar a questão da homossexualidade e do preconceito em uma determinada região exige conhecer a formação cultural de seu povo, um dos fatores essenciais para compreender opiniões e atitudes em relação a determinado assunto. Conforme o pesquisador Myers (2000, p. 104), “*Cultura* [...] é aquilo que é partilhado por um grupo numeroso e transmitido através das gerações: idéias, atitudes, comportamentos e tradições”. Para o autor, a força de uma cultura pode ser observada na maneira como ela molda o comportamento dos indivíduos.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em áudio (avulso).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo, graduada do Curso de Jornalismo, email: camilastuelp@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Jornalismo.

<sup>4</sup> Graduada do Curso de Jornalismo.

<sup>5</sup> Graduada do Curso de Jornalismo.

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo.

Quando atitudes, modos de pensar e viver se diferenciam do que é posto como “normal” na cultura de uma sociedade, surge o preconceito e discriminação com o que é diferente. Segundo Dias (2000, p. 17), “os valores dominantes em cada época têm um sistema de exclusões baseado em preconceitos discriminantes”. Dessa forma, considera-se que o preconceito sempre existiu nas relações sociais, apenas se configurou a cada época conforme o contexto. De maneira simples, Myers (2000, p. 182) define o preconceito como “*um julgamento negativo de um grupo e seus membros individuais*”; já a discriminação é apontada como “*um comportamento negativo.*”

Uma classe de seres humanos que enfrenta preconceito tanto em convivência social quanto na mídia e em manifestações (ainda que silenciosas) são os homossexuais, ou homoafetivos. Ainda que seja um assunto em voga na modernidade e, ainda mais, no período considerado pós-moderno, de acordo com Dias (2000, p. 23), a homossexualidade é tão antiga quanto a heterossexualidade:

É um fenômeno que sempre existiu, e em toda parte, desde as origens da história humana. É diversamente interpretada e explicada, mas, apesar de não admiti-la, nenhuma sociedade jamais a ignorou. A prática homossexual acompanha a história da humanidade e, se nunca foi aceita, sempre foi tolerada. As diversas culturas e civilizações sempre encontraram uma forma de revelar sua existência, por meio de mitos, lendas, relatos ou encenações.

Conforme Tavalera (2004, p. 65), as tribos da pré-história já mantinham rituais de sexualidade. Brandão (2002) afirma que os primeiros vestígios de conduta homossexual surgiram nas civilizações greco-romanas, sendo que seu protótipo era Nero, o imperador romano. Naquela época, a homossexualidade tinha como características a intelectualidade, a estética corporal e a ética comportamental. “O importante era valorização do belo, não existindo discriminação das relações mantidas entre pessoas do mesmo sexo ou não” (BRANDÃO, 2002, p.31).

Já na Idade Média, a Medicina considerou a homossexualidade uma doença, influenciada pelas concepções religiosas. Conforme Dias (2000, p. 35), era “uma enfermidade que acarretava a diminuição das faculdades mentais, um mal contagioso decorrente de um efeito genético”. A Medicina pesquisou durante anos as diferenças entre homo e heterossexuais para tentar explicar a homossexualidade, inclusive tentando mudar o comportamento humano, mas nada conseguiu. Assim, passou a encarar a homossexualidade

não como doença, mas “como uma forma de ser diferente da maioria, que se diferencia apenas no relacionamento amoroso e sexual.” (DIAS, 2000, p.35).

A sociedade passou, no entanto, a ser, de certa forma, mais tolerante com a homossexualidade em meados do século XIX. Segundo Brandão (2002), isso ocorreu porque se tornou comum, nos meios culturais, a presença de personalidades homossexuais. “Dentro desse contexto liberal existente entre os séculos XIX e XX, juntamente com as artes, a psicanálise freudiana foi bastante responsável pelo reconhecimento da existência da homossexualidade como fato social e a inserção dos homossexuais” (BRANDÃO, 2002, p.36). A partir da década de 60 e início dos anos 70, aumentou a visibilidade das mais diversas opções sexuais. Conforme Dias (2000, p. 28),

O movimento de liberação desfraldou suas bandeiras, buscando mudar a conceituação, tanto social como individual, das relações homoeróticas. A emergência da sexualidade foi assinalada pela popularização da autodenominação *gay*, que sugere colorido, abertura e legitimidade. O termo também trouxe uma referência cada vez mais difundida à sexualidade como uma propriedade ou qualidade individual.

De acordo com Spengler (2003), a homossexualidade passou a ser um ato pecaminoso somente após a igreja e a religião imporem ao termo uma conotação pejorativa, causando polêmica e discriminação às uniões homoafetivas. Conforme Spengler (2003, p. 41), “além de preconceituosas, existem também pessoas que chegam a temer e desprezar os homossexuais, comportamento atualmente identificado como homofobia”.

Vistos como minoria na sociedade, Tavalera (2004), acredita que os homossexuais são reprimidos e têm oculta uma faceta de suas vidas:

Nesses termos, infelizmente o homossexual que oculta sua orientação sexual autopromove sua segregação, pois acaba num mundo subterrâneo que, de forma alguma alça vãos para a resolução da questão, ou seja, torna-se uma figura dúplice no processo discriminatório, sendo cúmplice do preconceito ao mesmo tempo em que é vitimado por este, o que estabelece não mais do que um paliativo, um sedativo que apenas dissimula a intensidade da sua comiseração. (TALAVERA, 2004, p.51)

Dias (2000, p. 18), afirma que o homossexualismo é marcado por um estigma, onde, aqueles que não estão adequados à moralidade social, acabam marginalizados: “O comportamento sexual divergente da ordem de heterossexualidade é situado fora dos

estereótipos e resta por ser rotulado de *anormal*, ou seja, fora da normalidade. O que não se encaixa nos padrões é rejeitado pelo simples fato de ser diferente.”

Entretanto, apesar do preconceito em torno da homossexualidade, a sociedade está se tornando mais tolerante ao tema. “Com a evolução dos costumes, com a mudança de valores e dos conceitos de moral e de pudor, a livre orientação sexual deixou de ser ‘assunto proibido’ e hoje é enfrentada abertamente, sendo retratada de forma arrojada em filmes, nas novelas e na mídia em geral” (DIAS, 2000, p.19). Ser tolerante refere-se, segundo Fischmann e Kunsch (2002, p. 19),

à exigência de dar e receber respeito por posições assumidas em termos filosóficos, políticos, ideológicos e religiosos que não redundem em qualquer prejuízo ao outro que não partilha das mesmas posições. Inclui-se também a possibilidade de tratar-se da intolerância inevitável frente a situações que violem os Direitos Humanos Universais em qualquer parte do planeta.

Considerando que os homossexuais são apresentados na mídia e socialmente como uma minoria, o presente estudo inspira-se na realidade dessas pessoas e suas histórias de vida, para compor um trabalho de pesquisa e um documentário radiofônico, que almeja registrar o momento vivido pelos homossexuais em uma região especificamente conservadora, marcada por um histórico religioso rígido: o Extremo Oeste catarinense.

## **2 OBJETIVO**

Com base em depoimentos de personagens, pessoas comuns e fontes ligadas ao tema, o presente trabalho traça um panorama de como a sociedade, no Extremo Oeste de Santa Catarina, enxerga e lida com a homossexualidade.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Este trabalho tem sua relevância no sentido de incitar discussões sociais, abordando o tema homossexualidade sob diferentes perspectivas. A vivência dos homossexuais na sociedade, no trabalho e com a família são pontos abordados no documentário radiofônico. As questões do preconceito e intolerância a determinadas

minorias, das quais muito se fala em âmbito nacional, possuem pouca visibilidade na mídia local e regional.

A importância da análise do momento que vivem os homossexuais na região se dá no sentido de compreender as relações humanas, de forma específica, no Extremo Oeste, região caracterizada por costumes e formas de vida, por vezes, peculiares. Colonizados por descendentes de europeus (alemães e italianos) que migraram do Rio Grande do Sul, esses municípios têm visíveis traços de apego ao conservadorismo, valorizando a religião e a formação tradicional da família, por exemplo. Tais características tornam a sociedade mais resistente a aceitar outras formas de relacionamento e, de maneira geral, as diversidades sociais, realidade do mundo pós-moderno. Quando isso ocorre, há preconceito e discriminação do outro, considerado diferente.

No que tange ao meio acadêmico, o presente documento serve para os estudos sociais da região, pois visa analisar e compreender o comportamento da sociedade no século XXI em relação a um tema com posicionamentos diversos. Os relatos midiáticos em torno do assunto homossexualidade colaboraram, ao longo do tempo, para manter o assunto em pauta, abrindo espaço para o surgimento de novos estudos e discussões.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para desenvolver o presente trabalho de pesquisa e documentário, foram captados dados e informações acerca do tema ‘homossexualidade’ nos municípios de Itapiranga, Tunápolis e São Miguel do Oeste, além de consultas e entrevistas com fontes de Maravilha, Chapecó, Passo Fundo (RS), Belém (PA). Tais locais foram escolhidos para formar uma base de compreensão do Extremo Oeste catarinense, levando em conta o desenvolvimento econômico dos municípios, proximidade e conhecimento de fontes de informação relevantes sobre o tema.

Após discussão em grupo, chegou-se ao acordo do tema escolhido e passou-se à fase de coleta de fontes e dados. O embasamento teórico necessitou de desenvolvimento inicial, para posterior troca de ideias entre as integrantes do grupo, que optaram pelo formato de documentário radiofônico, uma vez que este representa maior liberdade para explorar o tema sob diferentes aspectos, permitindo também inovações em entrevistas, trilhas e edição.

Seguido de contato inicial com as fontes, novas ideias passaram a integrar as discussões do grupo, acrescentando mais informações, personagens e dados ao trabalho. As entrevistas foram realizadas visando, preferencialmente, uma situação de informalidade, quando possível em locais familiares aos entrevistados, como seus próprios lares, em seus respectivos municípios. De acordo com Hampe (1997, p.11) “As entrevistas são partes importantes dos documentários, mas, se não tomar cuidado, elas podem torná-los terrivelmente obtusos e maçantes”.

Para fazer um documentário, é preciso transpor as barreiras das entrevistas e não permitir que as informações encerrem em si mesmas. Ousadia, novidades, pontos de vista e argumentos são fundamentais para garantir que o documentário de fato exista, não resumindo-se apenas à uma espécie de noticiário. “Apenas falar sobre o problema não é o mesmo que documentar o problema, é apenas registrar o que as pessoas acham sobre o problema.” (HAMPE, 1997, p.02).

Tendo em mãos o material, o processo de edição consistiu em um compilado de idéias e experiências anteriores das componentes do grupo. De acordo com Hampe (1997), o documentarista iniciante deve, antes de tudo, portar um acervo de outros documentários e vídeos de informação, observados com olhos críticos. “Documentários, assim como outras formas criativas, vão do excelente ao medíocre” (HAMPE, 1997, p.10).

De acordo com o autor, o aprendizado do documentarista precisa ser, no momento da edição, compilado e transmitido de forma clara, vencendo as barreiras de tempo do documentário e padrões. O documentário radiofônico, de acordo com o olhar do grupo, deve emocionar o ouvinte, prender a atenção e incitar discussões relevantes em nível social. Partindo deste prospecto, o grupo preocupou-se em desenvolver um trabalho com conteúdo bem definido e de qualidade técnica.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Cuidados específicos durante o processo de entrevistas e coleta de dados precisaram ser tomados pelo grupo. Inicialmente, optou-se por abordar o assunto “homossexualidade” em diferentes tópicos: preconceito, felicidade, família, trabalho, mídia e união homoafetiva. A partir destes temas, os entrevistados puderam relatar suas histórias de vida, que mais tarde viriam dar forma ao documentário radiofônico.

Um dos aspectos para o qual atentamos, durante todo o processo de produção deste trabalho, foi o uso do termo “homossexualidade”, criado em 1869, pelo médico húngaro Benkert. De acordo com Dias (2000), a raiz do vocábulo provém da palavra grega *homo*, que significa *semelhante*, e a terminologia surgiu da palavra latina *sexus*, assim, homossexualidade refere-se a sexualidade semelhante: “Exprime tanto a idéia de semelhança, igual, análogo, ou seja, homólogo ou semelhante ao sexo que a pessoa almeja ter, como também significa a sexualidade exercida com uma pessoa do mesmo sexo” (DIAS, 2000, p.31).

A palavra homossexualidade é utilizada atualmente, sendo evitada a expressão homossexualismo, porque este termo aderiu uma conotação pejorativa, “pois em medicina o sufixo ‘ismo’ é designativo de doença, ao passo que o sufixo ‘dade’ significa modo de ser e agir” (TALAVERA, 2004, p.47). Portanto, durante o desenvolvimento do trabalho de pesquisa e produção do documentário, aderimos ao uso do termo “homossexualidade”

Um dos principais objetivos do trabalho constitui-se no relato de experiências e histórias de vida, “costurando” uma linha de pensamento que aborde diversos aspectos do mesmo tempo. A ideia é dar voz a estas pessoas que, na maioria das vezes, não encontram em outras formas de expressão, ou na própria mídia, uma maneira de demonstrar sua realidade. De acordo com FISCHMANN, KUNSCH (2002, p. 28), “a mídia reproduz e reflete as atitudes da sociedade. A intolerância social coabita com a falta de liberdade de expressão. Portanto, liberdade de expressão e tolerância são indissociáveis”.

Diante deste contexto midiático, o meio radiofônico, no entanto, representa uma forma de discussão mais aberta e popular, se comparado à televisão, por exemplo.

O meio rádio não se presta bem ao debate de temas complexos como “dívida externa” ou abstratos como “austeridade monetária”. Presta-se, isso sim, ao debate de temas polêmicos e do cotidiano, como aborto, violência, educação, transporte e saúde. São temas estratégicos para as camadas populares e com grande potencial educativo porque a longo prazo podem democratizar a matriz cultural da sociedade, ao instituir o hábito da discussão, do esclarecimento e da aceitação das divergências. As elites dominantes, na sua visão sempre estreita, não consideram esses temas como estratégicos, o que aumenta ainda mais a liberdade com que são discutidos. (FISCHMANN, KUNSCH, 2002, p. 46)

Uma vez inseridos no meio midiático, os grupos de minorias passam a ter maior visibilidade e integrar o agendamento das discussões sociais. Esta pode consistir em uma forma de auxílio na superação de preconceitos, partindo da própria mídia. Partindo deste

viés, o documentário radiofônico consiste em uma colaboração na discussão acerca do tema ‘homossexualidade’.

“O rádio se caracteriza por seu baixo custo operacional, sua multiplicidade operacional, sua multiplicidade natural, cada qual operando uma única frequência e pela extrema segmentação editorial”(FISCHMANN, KUNSCH, 2002, p. 46). A produção de um documentário radiofônico representa maior liberdade de inserção da espontaneidade dos entrevistados, em mescla com trilhas e edição que apresentem inovações e colaborem para proporcionar maior visibilidade ao tema proposto.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O grupo em que se encaixa a realidade homossexual pode ser considerado minoria perante a mídia, visto que esta ainda trata o tema com estranheza ou de forma não periódica. Quando abordado, o assunto surge como gerador de polêmica.

A mídia em geral ainda oferece poucos espaços para as chamadas minorias e alguns desses grupos muitas vezes são usados mais como espetáculo nas notícias e nos programas de entretenimento do que para fins de valorização da diversidade de nossa sociedade, condição básica para a construção de uma sociedade democrática, com valores fincados na ética, no respeito ao encontro e na tolerância. (FISCHMANN, KUNSCH, 2002, p. 31)

O preconceito na mídia brasileira mascara-se, por vezes, na falsa idéia de valorização da diversidade em alguns eventos específicos. Um casal *gay* em uma telenovela, por exemplo, dificilmente será protagonista da trama e, possivelmente, será abordado de forma nada natural.

Acredita-se que é necessário dar voz às minorias, ainda que estas tenham conseguido, nos últimos tempos, sair do anonimato e deixar de ser silenciosas. Conforme Talavera (2004), as minorias sociais necessitam de políticas regulamentadoras, porém, os modelos convencionais limitam a liberdade dos conviventes, e isso cultiva a discriminação e o preconceito.



As pessoas se preocupam com o afeto entre dois homossexuais, mas sequer ligam para o desafeto, a falta de solidariedade e a falta de fraternidade que no dia-a-dia se expressam em face dos menores carentes, dos idosos, dos doentes e dos desvalidos. Há uma inversão de valores extremamente decrépita em nossa sociedade. Externando visão progressista sobre o tema, Maria Berenice Dias reconhece a similitude entre as contestadas convivências homossexuais e as entidades familiares, acervando que: A solução dos relacionamentos homossexuais só podem encontrar subsídios na instituição com que guarda semelhança: A família, que, para ressaltar sua característica mais singela, é convivência orientada por um princípio de solidariedade (...), acentuando, ainda que: O só fato de os conviventes serem do mesmo sexo não permite que lhes sejam negados os direitos assegurados aos heterossexuais. (TALAVERA, 2004, p.35)

Mais que a observação da realidade social, entende-se como papel do jornalista ser agente transformador dessa realidade, atentando para tudo que necessita de um esclarecimento ou destaque, que deve ser proporcionado por meio da mídia. A questão homossexual transpassa as barreiras das discussões em pequenos grupos, uma vez que é algo historicamente presente em nossa sociedade e que ainda representa um tabu, em diversos aspectos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. **Parcerias homossexuais: aspectos jurídicos**. São Paulo: Editora da Revista dos Tribunais, 2002.

DIAS, Maria Berenice. **União homossexual: o preconceito & a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000. 304 p.

HAMPE, Barry. **Making documentary films and reality videos**. Tradução: Roberto Braga. New York: Henry Holt and Company, 1997.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling; FISCHMANN, Roseli. **Mídia e tolerância: a ciência construindo caminhos de liberdade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MYERS, David G. **Psicologia Social**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 422 p.

SPENGLER, Fabiana Morion. **União homoafetiva: o fim do preconceito**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

TALAVERA, Glauber Moreno. **União civil entre pessoas do mesmo sexo**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.